

1

No grande edifício do tribunal, durante o intervalo da audiência sobre o caso Melvínski, juntaram-se no gabinete de Ivan Egórovitch Shebek os membros do tribunal e o procurador, e a conversa passou a referir o famoso processo de Krássov. Fiódor Vassílievitch exaltava-se, tentando demonstrar que o arguido não estava sujeito a julgamento, Ivan Egórovitch não cedia, enquanto Piotr Ivánovitch, que se abstivera e não participava na discussão desde o início, passava os olhos pelo *Notícias* que acabara de chegar.

— Meus senhores — disse ele. — Ivan Iliitch morreu!

— Não me diga!

— Está aqui, veja — disse ele a Fiódor Vassílievitch, entregando-lhe o jornal que ainda cheirava à tinta fresca.

Enquadrado por uma tarja negra, vinha impresso: «A Sr.^a Praskóvia Fiodorovna Goloviná comunica com profunda amargura aos parentes e amigos o falecimento do seu amado esposo, o membro da Câmara Judicial Ivan Iliitch Golovin, ocorrido no dia 4 de Fevereiro deste ano de 1882. O saimento do féretro terá lugar na próxima sexta-feira, à uma da tarde.»

Ivan Iliitch era colega dos senhores ali reunidos, e todos gostavam dele. Caíra de cama várias semanas antes, e dizia-se que a doença dele era incurável. O cargo ficou-lhe reservado, mas, por considerações várias, sabia-se que Alekséev ocuparia o seu lugar, indo o deste para Vínnikov ou para Stabel. Assim, à notícia desta morte, o primeiro pensamento que ocorreu a todos os senhores reunidos no gabinete incidia no significado que tal falecimento teria nas remoções ou promoções dos membros ali presentes ou dos seus conhecidos.

«Agora talvez me calhe o cargo de Stabel ou de Vínnikov — pensou Fiódor Vassílievitch. — Há muito que mo prometeram, e esta promoção significaria 800 rublos de aumento, além do escritório.»

«Tenho de pedir a transferência do meu cunhado de Kaluga — disse de si para si Piotr Ivánovitch. — A minha mulher vai ficar contentíssima. E já não vai ter motivo para dizer que nunca fiz nada pela família dela.»

— Eu já sabia que ele não ia recuperar — disse em voz alta Piotr Ivánovitch. — Que pena.

— Mas o que era que ele tinha, afinal?

— Os médicos não o conseguiram diagnosticar. Ou seja, fartaram-se de diagnosticar, mas tudo coisas diferentes. Quando o vi pela última vez parecia-me que ia ficar bom.

— Pois eu não o visitava desde os feriados. Planeava fazê-lo, mas não se proporcionou.

— O homem tinha fortuna?

— Parece que a mulher tinha alguma coisa. Mas insignificante.

— Pois bem, é preciso ir lá. Eles moram longíssimo.

— Ou seja, longíssimo da sua casa. Da sua casa é tudo longe.

— Este senhor não me perdoa o facto de eu viver na outra banda — respondeu Piotr Ivánovitch, olhando com um sorriso para Shebek. A conversa, enquanto se dirigiam para a sala de audiências, passou para o tema das longas distâncias dentro da cidade.

Além das considerações que a morte de Ivan Iliitch provocou em cada um relativamente às consequentes mudanças e promoções no serviço, o facto em si do falecimento de uma pessoa próxima despertou em todos o habitual sentimento de alegria: morreu ele, e não eu.

«Olha só, morreu; e eu não», pensava, ou sentia, cada qual. No entanto, os conhecidos mais chegados, ditos amigos de Ivan Iliitch, pensaram também, involuntariamente, que tinham agora obrigações de conveniência muito enfadonhas — a cerimónia fúnebre e a visita de condolências à viúva.

Os mais chegados eram Fiódor Vassílievitch e Piotr Ivánovitch.

Piotr Ivánovitch fora colega do falecido na Escola de Jurisprudência e considerava-se um devedor de Ivan Iliitch.

Ao almoço, depois de comunicar à esposa a notícia da morte de Ivan Iliitch e as considerações sobre a possível transferência do cunhado para a circunscrição deles, Piotr Ivánovitch, sacrificando a sesta, vestiu a casaca e foi a casa de Ivan Iliitch.

À entrada do apartamento de Ivan Iliitch estavam estacionados um coche e dois carros de praça. Lá dentro, em baixo, haviam encostado à parede, ao lado dos cabides, a tampa forrada de brocado do caixão com borlas e galões areados com pó de lustrar. Duas senhoras enlutadas tiravam as peliças. Uma era conhecida, a irmã de Ivan Iliitch, a outra desconhe-

cida. Do andar de cima vinha Schwartz, companheiro de Piotr Ivánovitch, que, ao ver do patamar o recém-chegado, lhe piscou um olho, como que a dizer: «O Ivan Iliitch fez asneira; mas connosco, comigo e com o senhor, a coisa é outra.»

A cara de Schwartz, com suíças à inglesa, e toda a sua figura magra metida na casaca tinham como de costume um ar elegante e solene, e esta solenidade, sempre em contraste com o seu carácter jocoso, davam-lhe uma graça muito especial na presente situação. Assim pensou Piotr Ivánovitch.

Piotr Ivánovitch deixou que passassem primeiro as senhoras e, devagar, foi atrás delas para as escadas. Schwartz não desceu, parou em cima. E Piotr Ivánovitch percebeu porquê: o homem, pelos vistos, queria confirmar com ele onde iam jogar às cartas nesse dia. As senhoras subiram e foram ver a viúva, enquanto Schwartz, com os seus lábios sólidos rigorosamente apertados e um sorriso trocista, apontou com um movimento de sobrolho para a direita, lugar da sala do morto, aonde tinha de ir Piotr Ivánovitch.

Piotr Ivánovitch, como acontece sempre em transes destes, entrou com perplexidade, sem saber muito bem o que deveria fazer lá dentro. Sabia apenas que, nestes casos, nunca era de mais fazer o sinal da Cruz. Quanto à necessidade de fazer também umas vénias, não tinha a certeza, de maneira que escolheu uma solução intermédia: entrou a benzer-se e a executar uns acenos de cabeça, quase vénias. Na medida em que lho permitiam os movimentos das mãos e da cabeça, passava o olhar pela sala. Dois jovens, um deles colegial, provavelmente os sobrinhos, saíam a benzer-se. Uma velha estava de pé, imóvel. Uma senhora com o sobrolho estranhamente levantado dizia à idosa qualquer coisa em sussurro. Um coad-

jutor de sobrecasaca, enérgico e resoluto, lia um texto em voz alta com uma expressão que excluía todo o género de objecções; Guerássim, o copeiro, passando num andar levezinho diante de Piotr Ivánovitch, espalhava qualquer coisa pelo chão. Mal o viu, Piotr Ivánovitch sentiu de imediato o leve cheiro a cadáver em decomposição. Na sua última visita a Ivan Iliitch, Piotr Ivánovitch vira este mujiqe no gabinete. Fazia também de enfermeiro, e Ivan Iliitch gostava bastante dele. Piotr Ivánovitch não parava de se benzer e de fazer pequenas vénias apontando para uma direcção intermédia entre o caixão, o coadjutor e os ícones da mesa do canto. Depois, quando lhe pareceu que esta gesticulação se prolongava de mais, parou de fazê-la e pôs-se a observar o morto.

O morto jazia como jazem sempre os mortos, com gravidade, os membros hirtos, afundado na moleza do leito do féretro, com a cabeça para sempre arqueada em cima da almofada, e expunha, como é costume entre os mortos, a testa amarela de cera, as têmporas cavadas, as grandes entradas e o nariz espetado como se investisse sobre o lábio superior. O falecido mudara muito, emagrecera ainda mais desde a última vez que Piotr Ivánovitch o vira, mas, como em todos os mortos, o seu rosto estava mais bonito, e sobretudo mais expressivo, do que tinha sido em vida. A expressão que levava para a cova era a de que tinha sido feito o que devia ser, e bem feito. E havia nela, também, uma censura, ou advertência, aos vivos. Tal aviso pareceu despropositado a Piotr Ivánovitch, ou, pelo menos, que nada tinha a ver com ele. Sentiu um certo incómodo, pelo que voltou a benzer-se precipitadamente e, com uma pressa talvez exagerada e nada de acordo com as conveniências, deu meia volta e dirigiu-se para a porta.